

TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: COSTURANDO E CONSTRUINDO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Tainara dos Santos Bastos (Pós Crítica/UNEB)¹

Resumo: Nosso modo de viver, agir, costumes, maneira de pensar e interagir com os outros são construídos no decorrer da nossa vida e formação, ou seja, é o que vemos, vivemos e experienciamos que constrói as nossas identidades. A memória seleciona fatos vividos que serão lembrados ou esquecidos durante nossa trajetória, e são essas “informações do passado” que durante o processo acadêmico direcionarão a prática em sala dos docentes em formação inicial. Logo, a pesquisa *Trajetória de vida e Formação: Costurando e Construindo uma Prática Pedagógica*, é uma investigação sobre a construção da Práxis Pedagógica antes da formação acadêmica, partindo do princípio que, durante o estágio curricular, o docente em formação inicial ainda não possui algumas experiências metodológicas e didático pedagógicas e a universidade não colabora para isso eficaz e eficientemente. Diante disso, resulta o problema: Onde os (as) licenciandos (as) constroem uma Práxis Pedagógica para realizar o estágio e em que medida sua história de vida e leitura contribuem para sua atuação nesse estágio? Essa pesquisa, tem como objetivo: Averiguar em que perspectiva a história de vida atrelada às leituras (da palavra, literárias e de mundo) influenciam (ou não) na prática pedagógica dos professores em estágio curricular e tem como suporte teórico Delory-Momberger (2008), Freire (2013), Kenski (1991), Lima e Pimenta (2012), Souza (2008), entre outros. Para o desenvolvimento desta, percorreremos um caminho metodológico: 1) leitura e fichamentos de teóricos relacionados aos temas propostos; 2) escolha da turma e aplicação de questionários para seleção dos participantes; 3) entrevistas narrativas, que serão transcritas, analisadas e separadas por categorias para discussão. O projeto em questão, é de grande significância para discussão dessas práticas construídas no processo de estágio, avaliando a possível influência da experiência de vida e leitura de docentes em formação inicial, levando em consideração a construção da sua identidade acadêmica e profissional.

Palavras-chave: História de Vida. Leitura. Práxis.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de pesquisa na Iniciação Científica – 2012/2013 tive a oportunidade de conhecer e aprender sobre as narrativas autobiográficas e de perceber a sua significância, em especial, para a docência. Aprofundando-me na profissionalização docente, optei por conhecer as dificuldades enfrentadas por docentes em formação inicial nos estágios de regência III e IV. Dando continuidade a essa pesquisa na escrita do TCC, direcionei meu foco ao estágio III para um melhor desenvolvimento da mesma.

Se observarmos ao nosso redor, perceberemos que nosso modo de viver e agir, costumes, maneira de pensar, falar e interagir uns com os outros, enfim, são construídos no decorrer da nossa vida e formação. Quantos dos nossos alunos amam ou odeiam uma disciplina da escola por nutrir o mesmo sentimento pelo professor que a ensina? Ou criaram aversão a algumas leituras pela abordagem utilizada pelo seu docente? E quantos docentes hoje foram encorajados a seguir carreira por um “bom exemplo” de algum professor que possuía algo em especial em sua metodologia ou até mesmo na forma de se relacionar com os seus discentes em sala e fora dela.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: syninha_15@hotmail.com.

Não quero, no entanto, dizer que cada profissão é escolhida exclusivamente pelos modelos observados na vida, mas simplesmente ressaltar que os aspectos experimentados/experenciados na nossa vivência e durante a formação podem de forma positiva ou negativa influenciar na construção da identidade do docente em formação inicial.

Na universidade, em especial, em um curso de licenciatura, somos induzidos a refletir e pensar sobre a atual prática nas escolas, e instruídos a construir, com base em observações em sala, uma metodologia que se diferencie do que já vimos e experienciamos. Tarefa complexa, partindo da ideia de que a práxis é construída com a própria atuação; e se essa atuação ainda não aconteceu de onde esses docentes em formação inicial vão extrair elementos para essa elaboração?

Destarte, surge então a necessidade de dar continuidade à pesquisa, ampliando e contemplando essas questões, a fim de compreender a construção de uma práxis ainda no processo de formação acadêmica, durante o estágio curricular supervisionado, mais especificamente aspectos em sua história de vida e leitura.

A pesquisa possui sua base qualitativa, pois visará averiguar e refletir em que perspectiva a história de vida atrelada as leituras (literárias e de mundo) influenciam (ou não) na prática pedagógica dos professores em estágio e na construção do perfil docente durante o processo do estágio curricular, utilizando o método (auto) biográfico para coleta e análise de dados, pois procuraremos compreender a construção da prática pedagógica no processo de estágio curricular supervisionado levando em consideração a história de vida e leitura dos docentes em formação inicial, trabalhando com descrições, comparações e interpretações.

Para a busca pelas questões aqui traçadas, apresentamos um objetivo geral que resume-se em averiguar e refletir em que perspectiva a história de vida atrelada as leituras (literárias e de mundo) influenciam (ou não) na prática pedagógica dos professores em estágio e na construção do perfil docente, e que precisará percorrer por alguns objetivos específicos para melhor organização e eficácia do trabalho, sendo eles: 1-Investigar as histórias de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa e levantar os fatos que influenciaram sua prática pedagógica; 2-Identificar as leituras literárias e de mundo que contribuíram para construção do “tornar-se professor”; 3-Compreender as dificuldades, consequências e importância percebidas pelos docentes em formação no que se refere ao estágio na construção da práxis.

A pesquisa percorrerá um caminho metodológico, tendo seu início na leitura e fichamento dos textos teóricos selecionados, em seguida a escolha da turma e aplicação de questionários, que auxiliarão na seleção dos colaboradores da pesquisa, prosseguindo assim para as entrevistas narrativas, que serão transcritas e analisadas, sendo separadas por categorias. Posteriormente, haverá a escrita de textos para publicação e logo redação e apresentação da dissertação.

Assim sendo, esse artigo apresentará a revisão literária dos conceitos que embasarão essa pesquisa, usando como referência alguns autores sobre: Autobiografia, memória, leitura, saberes e docência.

REVISÃO DA LITERATURA

As pesquisas nos cursos de licenciatura têm conquistado um espaço significativo, principalmente entre os docentes em formação inicial. E uma das questões que se encontra em destaque é a vivência no estágio curricular supervisionado durante os cursos de licenciatura, por se tratar de um componente obrigatório que permitiu a esses docentes em formação um maior contato com o meio educacional, no qual, o mesmo estará inserido futuramente, mas que segundo Silvestre (2011, p.172) “[...] é considerado por muitos um empecilho burocrático da formação; que o que eles observam nas escolas muitas vezes é um contraexemplo de como se deve ser sua postura profissional”.

Ao adentrar na universidade esses estudantes trazem consigo experiências que foram adquiridas até muito antes do seu processo escolar, e isto ocorre desde a interação com os pais e familiares, como com o professor e a classe em que estavam, acesso as leituras na infância, até as formas metodológicas de ensino utilizadas por cada professor, sejam práticas positivas ou negativas, ambas poderão influenciar para sua formação.

E a aprendizagem não termina na escola, se prolonga durante toda a vida, através de cada experiência vivida. Pensemos na importância que essas histórias da vivência trazem ao serem “concretizadas” com a escrita, pois Karen Worcman afirma que “as histórias são uma importante forma de socialização e contá-las é, para cada um de nós, uma forma de sobrevivência e aprendizagem com nossas experiências e com as experiências que vivemos socialmente”. (2007, p.7)

Como ressalta a autora supracitada, é o que vemos, vivemos e experienciamos que constrói a nossa identidade como sujeito crítico e atuante na sociedade. Nossa memória realiza minuciosamente a seleção dos fatos vividos que serão ou não lembrados durante nossa trajetória. Esse processo é muitas vezes involuntário, e muitas memórias dão acesso a outras, ou seja, ao iniciar a descrição de um fato vivido, o sujeito inconscientemente acessará memórias que até outro momento estavam “apagadas”.

Ainda que muitos aspectos sejam ignorados, essa ação também corresponderá para esse processo de construção identitária, conforme explicita Castro ao dizer que “[...] a memória (no sentido de evocação do passado, de capacidade de reter o “tempo perdido”) aparece como garantia de nossa identidade. É ela que permite reunir em um “eu” tudo o que vivemos”. (2008, p.17-18)

E para procurar entender o percurso desse professor, seu processo de formação, e na construção de sua identidade em sala de aula, uso como respaldo Delory-Momberger, que discutirá sobre narrativas de vida:

O que chamamos de fato biográfico é esse viés da figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço-tempo interior, segundo o qual representamos o seu desdobramento, sobre o qual nos situamos, sem conhecer exatamente o momento e o lugar que ocupamos na figura de conjunto que lhe atribuímos. E, em cada ponto dele, projetamos, como nas narrativas ‘cujos leitores são os heróis’, uma instância pessoal à qual conferimos a identidade de si mesmo. (2008. p.36)

E são essas “informações do passado” que durante o processo de desenvolvimento acadêmico dos docentes em formação inicial irão direcioná-los na sua prática em sala de aula, durante o processo de estágio e posteriormente na futura atuação como profissional da educação”. Quando esse docente em formação inicial reflete e conseqüentemente escreve a sua história de vida, ele se apropria dela, pois no momento inicial da escrita é possível que o mesmo encontre dificuldades de lembranças/recordações e se sinta limitado, mas a medida que esse processo está sendo realizado, emergem situações e vivências que já haviam sido esquecidas/silenciadas na sua própria memória. Vejamos o que ressaltam Pereira e Mota (2015, p. 106):

Não apenas narramos, como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens, e nos encontramos nas histórias biografadas. Nossos saberes se entrecruzam a outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e descaminhos das experiências vividas. Para Delory-Momberger (2008, p.57): ‘A autobiografia fornece um modelo tangível do modo como nossa consciência trabalha o material da vida, díspar, heterogêneo, fragmentado, para constituí-lo em um conjunto dotado de unidade e coerência’ [...]

E essa reinvenção torna-se necessária a partir do momento em que o docente, principalmente em formação inicial, necessitam dessa reflexão de vivência e experiência para melhor apropriação da sua vida e mais especificamente de sua prática, pois essa reflexão gera uma certa criticidade, seja ela positiva ou negativa, que aperfeiçoará a atuação em sala. Pensando nessa prática, nos deparamos com os saberes experienciais destacados por Maurice Tardif (2012), ao afirmar que:

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolve saberes específicos, baseado em seu trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio. Esses saberes brotam da experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. (p.38)

Nesses saberes experienciais, podemos encontrar ousos da leitura, ao ressaltar sobre os conhecimentos do seu meio e sua experiência individual, nos fazendo acreditar numa possível relevância e contribuição dessas leituras também para a formação. Ao realizar uma leitura, espera-se

que haja uma interação entre o que está sendo lido com a sua própria história, pois a partir do momento em que isso ocorre, a leitura passa a ter sentido além da simples decodificação de sentidos e significados.

Percebemos essa questão com clareza, quando em uma turma de Ensino Fundamental I ou II, os alunos rejeitam ou abraçam uma leitura por identificar ou não alguns traços relacionados a sua própria história, pois é comum buscarmos “semelhanças” entre nós e os personagens.

E no campo da formação, essa relação leitura x vida e/ou leitura x experiência, tem um destaque significativo, a partir do momento em que esse professor em formação inicial se apropria dessas leituras, sejam elas de mundo (contidas em seu meio particular e/ou familiar) ou até mesmo as literárias para se construir, se apropriar de si e da sua própria prática pedagógica.

Essa construção da prática pedagógica, a partir do vivido, é destacada por Gil e Vanzuela (2016) ao citar Polany (1998, p. 14 e 15):

[...] toda prática científica é cruzada por elementos pessoais, como paixões, ideais, esperanças, visões, etc., não é neutra, como alguns creem. Por sua vez, o conhecimento é tático, quer dizer, não se pode expressar apenas com palavras: qualquer agente social conhece e sabe muito mais do que pode dizer com palavras e fórmulas. (POLANY apud GIL e VANZUELA)

Dessa forma, podemos dizer que os professores não se resumem apenas as aplicações técnicas e burocráticas para construir sua metodologia em sala, mas depende também por meio da interação com todo o sistema escolar, interação com os professores, alunos, coordenação escolar e com sua própria atuação.

Sabemos, no entanto, que analisar essas questões não será uma tarefa fácil, por isso a necessidade da utilização das entrevistas narrativas, que, por sua vez, permitem uma mais intensa reflexão e um novo olhar sobre a própria história de vida e, provavelmente, a nossa formação, como afirma Delory-Momberger (2008, p. 56) “a narrativa (auto) biográfica instala uma hermenêutica da ‘história de vida’, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo”, e acrescenta:

É a narrativa que confere papéis aos *personagens* de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade que polariza as linhas de nossos *enredos* entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma *história* a nossa vida: *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.* (2008. p.37)

Ainda sobre essa questão, Souza fala sobre o nosso cotidiano, que de certa forma é “[...] marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e que falamos pelas formas como contamos as histórias vividas. Daí, a emergência e a utilização, cada vez mais crescente, das autobiografias e das biografias educativas em contextos na área educacional”.(2008, p. 94-95),

Nessa perspectiva, de situar-se na sua própria história, podemos classificar essa prática como reflexiva, conforme afirma Freire (2013, p. 39-40) ao dizer que “[...] a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...] por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Sendo assim, o sujeito após a prática na sala de aula, ele reflete o seu processo, a sua atuação e destaca tudo o que pode ser considerado positivo, produtivo e aquilo que deve ser negativado, ou até mesmo o que pode ser remodelado, gerando uma auto-crítica que prossegue para uma nova construção pedagógica.

E toda reflexão gera algum tipo de mudança. Um professor vai aperfeiçoando sua prática desde o primeiro dia de aula, no contato com os seus alunos, com os desafios da própria atuação, e principalmente com a reflexão dessas. Pimenta ressalta isso, ao pedir que um professor compare o seu início na sala de aula e a sua atuação, e afirma que “[...] eles reconhecem que aprenderam bastante com os alunos e com as situações desafiadoras que os conduziram a criar opções pedagógicas.”(2012, p. 140)

Uma dessas “opções pedagógicas” podem ser as histórias de leituranos processo da infância, pois se eles mudarem o seu jeito, atuação, postura, também mudarão a sua forma de ver o mundo, gerando uma reflexão de si, a cada instante do seu desempenho e vai construindo e costurando o seu “eu”, não será diferente com as significâncias que esses darão as suas histórias de leituras, quando vistas em outro contexto, no exercício em sala especificamente, uma vez que, as leituras não possuem interpretação única por necessitar de um contexto para diálogo e compreensão. Conforme exemplifica Paulo Freire a seguir:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (1982, p.5)

Percebemos assim a presença da leitura ainda antes, até mesmo, da apropriação do código linguístico, a leitura de mundo, criando uma experiência de se “re-criar” “re-viver”, re-apropriar de si mesmo. E essa leitura ganhará aspectos diversos no instante e que houver uma apropriação desse código e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de um professor pesquisador competente a ponto de olhar para a sala de aula, a escola e o que há em torno disso, nos tempos atuais, consiste em uma tarefa persistente e principalmente complexa. Trata-se, dessa forma, de aperfeiçoar o profissional da educação que seja capaz de se enxergar, agindo nos espaços educativos, observando os sujeitos e suas relações para que por meio de reflexões e novas alternativas possam ser construídas.

Percebemos dessa forma que apesar de haver muitos estudos sobre a formação de professores e o seu processo de construção identitária ainda existem muitas lacunas que necessitam de uma atenção especial e mais cautelosa, como essa necessidade de se perceber se realmente há algum tipo de influência por parte da história de vida e de leitura na formação do docente.

Nesse aspecto torna-se relevante buscarmos essas questões a fim de aprofundar mais sobre os aspectos que rodeiam a formação do professor, bem como, os aspectos experienciados na sua infância e no seu período escolar. Que poderiam ter influenciado ou não a sua trajetória e sua identidade enquanto docente.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Celso. História, cultura e patrimônio documental In CASTRO, Celso. *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

DELORY-MOMBERGER,Christine. Modelos biográficos e escrita de si. In: *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal,RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER,Christine. Construção biográfica e Educação se si. In: *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e LuisPassegi. Natal,RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. RJ: Paz e Terra, 2013.

GIL. Juana M. Sancho, VALENZUELA. Bernardita Brain. As decisões educativas e profissionais que influenciam o aprender a ser docente In GIL. Juana M. Sancho, HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. *Professores na incerteza: aprender a docência no mundo atual*. Porto Alegre: Penso, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICOTTEZ, Stela C. Bertholo. (coord) *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. *Por que o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua* In *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 123-140.

MOTA, Kátia M. Santos. PEREIRA, Áurea da Silva. “Espaços Biográficos”: o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, Áurea da Silva. *Práticas de Pesquisa Autobiográfica: Letramentos, memórias e narrativas*. Curitiba-Brasil: Editora CRV, 2015.

SILVESTRE, Magali Aparecida. Sentidos e significados dos estágios curriculares obrigatórios: a fala do sujeito aprendente. In GOMES, Marineide de Oliveira. (org.) *O estágio na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. Edições Loyola. São Paulo: 2011. p. 165-185

SOUZA, Elizeu Clementino de, MINGNOT, Ana Cristina Venancio (Orgs). *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FARPEJ, 2008.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 14ed.